

# **A CRÍTICA DE ARTE E A CRÍTICA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS**

**EDGARD GUIMARÃES**

Quadrinhista e Editor Independente

## **RESUMO**

Este texto inicialmente apresenta os conceitos de Ciência e Opinião, e as limitações destes conceitos. A seguir apresenta o conceito de Crítica de Arte, e é feito um paralelo entre a Crítica escrita e o Texto de Opinião. Finalmente é tratada a questão da Crítica de História em Quadrinhos na Imprensa.

## **1. INTRODUÇÃO.**

O objetivo deste texto é fazer a conceituação do que seja a Crítica pois ainda é freqüente que se faça confusão a respeito. Para esta conceituação busca-se uma fundamentação nos processos do pensamento humano, como surgem as idéias, como se estruturam, como surgiu e se desenvolve o conhecimento humano, o que é a Ciência e como a Crítica se insere dentro deste contexto. Questões como a oposição entre Crítica e Texto de Opinião são levantadas com base na dicotomia clássica entre Opinião e Ciência, resultando numa caracterização da Crítica e na definição de um conjunto de comportamentos requeridos de quem se dedicar à Crítica.

## **2. BASES HISTÓRICAS E FISIOLÓGICAS DA CIÊNCIA.**

O ser humano que existia há mais de 100 mil anos já era o mesmo que existe hoje, já possuía a mesma estrutura cerebral e a mesma inteligência em potencial do homem atual. Pode-se conjecturar que um bebê de então, se fosse trazido para os dias de hoje, e recebesse uma educação igual a das crianças atuais, teria um desenvolvimento semelhante, do mesmo modo que um recém-nascido de hoje não se tornaria mais do que um homem pré-histórico se criado entre eles. A diferença entre o homem atual e seu antepassado de 100 mil anos atrás é a bagagem cultural, que foi sendo desenvolvida a muito custo durante todo esse tempo. Esse acúmulo de conhecimentos antecede o próprio homem moderno, pois a fala, ou comunicação verbal, um dos principais fatores no desenvolvimento cultural, já existia nos ancestrais do homem, provavelmente já nos hominídeos de 2 milhões de anos atrás. Só há uns 10 mil anos, no entanto, que os grupos humanos se tornaram sedentários possibilitando o começo das civilizações. Já há aí culturas bem desenvolvidas com manifestações em diversas áreas, nas artes, nas técnicas, nas relações sociais, nas crenças, etc. Mas o ponto essencial aqui, para os objetivos deste texto, é como se dá o processo do conhecimento no cérebro humano.

De forma bem simplificada, o cérebro animal é uma estrutura com a finalidade básica de controlar o corpo de modo a cumprir as funções de sobrevivência e procriação. Em animais pouco desenvolvidos como os répteis, o cérebro traz desde o nascimento

todo o conhecimento necessário para executar essas funções. Não há necessidade de aprendizagem. O desenvolvimento da estrutura cerebral nas espécies mais evoluídas levou a uma dependência cada vez maior da aquisição de conhecimentos após o nascimento. No homem atual, podem ser necessários até 20 anos de estudos para que um indivíduo se torne apto à vida na sociedade. Este estágio de desenvolvimento que o cérebro humano alcançou, por um lado faz com que o homem fique extremamente dependente dos conhecimentos transmitidos pelos antepassados, da cultura acumulada pelas gerações anteriores, mas por outro permitiu ao homem mais do que somente as funções básicas de sobrevivência e procriação. O cérebro do homo sapiens sapiens (e já o de outros homínídeos antes dele) atingiu uma complexidade suficiente que lhe permitiu a execução de outras funções ditas mais elevadas, como o desejo, o planejamento, o sonho, a crença, a compreensão, a emoção, etc.

O que é preciso que fique bem claro é que o pensamento, essa função extremamente complexa, só é possível em cima de uma base de informações, de conhecimentos. Desde habilidades motoras, passando por comportamentos diversos, até as idéias mais sofisticadas, tudo resulta da reelaboração contínua de conhecimentos presentes no cérebro, a maioria aprendida e apreendida. Mesmo os instintos, as reações inatas podem ser vistos como um conjunto de conhecimentos já presentes no cérebro no nascimento. E como se dá a aquisição do conhecimento? Através dos sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato), que são a forma de fazer uma informação do meio exterior chegar até o cérebro. No entanto, para que a informação sensorial tenha significado, é preciso que haja no cérebro uma base de conhecimentos semelhantes com a qual fazer comparações. Há aí uma contradição aparente. Para obtenção de conhecimento, precisa-se dos sentidos, e para o processamento adequado das informações dos sentidos é preciso ter conhecimentos. Não é à toa que o desenvolvimento do gênero homínídeo tenha sido tão lento no início. E fica explicado também por que o desenvolvimento atual é tão rápido: com uma grande base de conhecimentos sistematizados fica cada vez mais fácil a geração de novos conhecimentos. Voltando aos primeiros homo sapiens sapiens, apesar de já possuidores de uma estrutura cerebral moderna, sua pequena base de conhecimentos os manteve por dezenas de milhares de anos em estágios de civilização muito atrasados. Mas mesmo com todas essas restrições, esses cérebros estavam sempre em constante atividade,

usando o pouco conhecimento que tinham para processar, ainda que de forma muito limitada, o apreendido pelos sentidos. Essas imagens guardadas no cérebro podem ser recordadas, revividas mentalmente, e mais, diversas imagens obtidas em diversas experiências sensoriais distintas podem ser combinadas na mente e gerar uma imagem nova, daí o nome Imaginação dado a esse processo. Será usada aqui uma esquematização proposta por Platão no século III a.C. Na raiz da geração de uma idéia está a Imaginação (eikasia). Durante muito tempo, o cérebro humano só foi capaz de interpretar muito precariamente o mundo real, gerando conhecimentos muito vagos, imagens subjetivas, visões distorcidas da realidade. Ou seja, o pouco conhecimento presente no cérebro não permitia uma percepção clara da realidade, das informações trazidas pelos sentidos. Com o tempo, o grau de certeza sobre as coisas aumentou e já foi possível formular certas Convicções e Crenças (pistis) sobre as coisas percebidas. Nasceram aí as mitologias e as religiões, já há explicações para as grandes questões da humanidade. É difícil precisar quando o cérebro humano passou a ter essa capacidade, mas quando a escrita foi desenvolvida, cerca de 3500 anos a.C., os povos mais avançados da época já possuíam sistemas de crença bastante complexos. No entanto, nessas duas fases predomina um pensamento muito subjetivo, baseado em impressões ou informações parciais obtidas através dos sentidos. Não há aí a preocupação com a fundamentação do conhecimento. Daí, diz-se que nessas duas fases predomina a Opinião (doxa). Obviamente as antigas civilizações possuíam conhecimentos fora do domínio da Opinião, tinham uma matemática que permitia a agrimensura, conhecimentos de astronomia e cartografia que facilitavam a navegação, técnicas de engenharia civil que permitiram a construção de palácios, e a própria escrita como forma de registro do saber. No entanto, somente na Grécia do século VI a.C. o ser humano atinge um estágio de forte sistematização do conhecimento, que é justamente o nascimento da Filosofia. As crenças e os mitos não bastam mais. A partir daí busca-se a essência das coisas, da natureza, do comportamento humano; o conhecimento precisa ser demonstrado, provado, encadeado de forma lógica, etc. É o começo do predomínio da Ciência (episteme) no pensamento humano. Platão divide esse nível em duas etapas, uma primeira onde o conhecimento é discursivo (diánoia), ou seja, pode ser enunciado verbalmente, e uma segunda onde o conhecimento é intuitivo (noêsis), resultado da contemplação, mas estes detalhes fogem do escopo deste texto.

### **3. A DICOTOMIA OPINIÃO/CIÊNCIA.**

O binômio Opinião/Ciência pode ser identificado com outros binômios como Ficção/Não Ficção, Subjetividade/Objetividade, etc. Embora seja bem visível na história da humanidade essa passagem de estágios de predomínio da Opinião para estágios de predomínio da Ciência, este não é um processo que só aconteceu lá no século VI a.C. Pelo contrário, este processo repete-se a cada pensamento que cada pessoa tem a cada instante. Todo pensamento nasce da Imaginação. A maioria das imagens geradas no cérebro se perde; aquelas que são trabalhadas, elaboradas, se tornam Convicções. Se o processo de elaboração continua e a idéia passa a ser confrontada com o sistema de conhecimentos que compõe a Ciência e se mostra coerente com o saber atual, então tem-se um conhecimento científico. É importante notar que enquanto uma idéia está no terreno da Opinião, o processo mental é basicamente interno ao indivíduo. É claro que as pessoas que desejam aprender coisas novas cuidam de confrontar suas opiniões com as dos outros visando a reforçá-las ou reformulá-las. E pode-se dizer que este é o procedimento correto para que uma pessoa se desenvolva culturalmente. Mas uma pessoa pode ter uma opinião que seja contrária ao senso comum e isso é perfeitamente tolerado por todos, em obediência a um princípio de liberdade de opinião e expressão. Dentro dos limites legais e éticos, uma pessoa pode ter a opinião que quiser, ou seja, não precisa submetê-la a ninguém, nem a nenhum sistema externo de conhecimentos. A produção artística situa-se no terreno da Opinião. Nasce da Imaginação do artista e, embora possa se valer de conhecimentos técnicos e saberes científicos em sua produção, não tem obrigação de chegar a um resultado que precise ser comprovado cientificamente. Um autor de ficção científica pode fazer naves viajarem a velocidades superiores a da luz ou realizar teletransporte de tripulações inteiras e não há nada que possa impedi-lo. Um pintor pode olhar para uma modelo e pintar dois quadrados e um triângulo. É o predomínio do subjetivo, da imaginação livre, da invenção sem restrições. E muitas vezes artistas sensíveis conseguem intuir coisas que servirão de inspiração para trabalhos científicos posteriores. É conhecida a história de que a Nasa utilizou-se de desenhos de Alex Raymond em "Flash Gordon" para tirar idéias sobre a aerodinâmica de aeronaves. No entanto, cabe afirmar, enquanto eram desenhos, era Ficção; somente com

os testes exaustivos feitos pelos técnicos para comprovar sua validade, podem ter passado a Não Ficção.

O pensamento científico, como todo pensamento, também nasce da Imaginação. Quando Einstein disse que "a Imaginação é mais importante que o Conhecimento", quis dizer especificamente que, para o pesquisador, aquele que se dedica a descobrir novos conhecimentos, não basta somente ter uma grande quantidade de conhecimentos atuais, é preciso ter capacidade de reelaborá-los na forma de novas imagens que possam ser os germes de um novo conhecimento científico. A Imaginação, no entanto, não existe sem uma base de conhecimentos. O ponto de partida é a Imaginação, mas para cruzar a fronteira entre a Opinião e a Ciência, essas imagens iniciais devem ser trabalhadas, elaboradas, até formarem um sistema lógico, coerente, e se tornar uma Teoria Científica. O desenvolvimento da Ciência não é obviamente algo determinístico, que se saiba com antecedência exatamente como fazê-lo. É um processo interativo onde o aumento do conhecimento torna o sentido mais perspicaz, e que por sua vez aumenta a capacidade de reformular o conhecimento. Assim, não há uma Ciência acabada, ao contrário, está em constante processo de reavaliação, e a todo momento novas teorias estão sendo anunciadas. No entanto, a dedicação à Ciência exige um certo tipo de comportamento. A busca pelo conhecimento deve ser guiada pela objetividade, pela imparcialidade, pela observação cuidadosa, pelo pensamento lógico, racional e sistemático, pela comprovação e fundamentação dos resultados.

#### **4. ÁREAS E NÍVEIS DA CIÊNCIA.**

A Ciência pode ser dividida em três grandes áreas: Exatas, Biológicas e Humanas. As Ciências Exatas são as que estão mais desenvolvidas pois estudam fenômenos relativamente bem mais simples, que seguem modelos matemáticos bem precisos. Compreendem, além da Matemática, a Física, a Química, etc. As Ciências Biológicas tratam de fenômenos mais complexos como as estruturas vivas, mas já estão num estágio relativamente avançado, com a cura de muitas doenças já possível, com cirurgias e transplantes como uma realidade acessível, etc. As Ciências Humanas são as

que estão menos desenvolvidas pois dedicam-se a fenômenos extremamente complexos e de difícil equacionamento como os comportamentos sociais ou as leis de mercado.

Em qualquer Ciência, há três níveis em que um trabalho pode ser executado. O nível mais básico é o do simples Registro. Este nível não é menos importante por ser básico, ao contrário, quanto melhor for o trabalho realizado no nível do Registro, mais facilmente se desenvolverá os níveis superiores. Um exemplo desse nível são as reportagens nos jornais. A reportagem traz as características do procedimento científico. O repórter deve redigir seu texto de forma clara, inequívoca, objetiva, imparcial, fiel aos acontecimentos que presenciou. Assim, o conjunto das reportagens nos jornais comporá o Registro dos acontecimentos de uma época, e será fonte importante para estudos realizados por historiadores. Desnecessário dizer que a qualidade do trabalho dos historiadores dependerá da qualidade do Registro feito. Outro exemplo é o registro que o médico faz de um paciente em seu prontuário. O nível intermediário é o da Análise. Neste nível, já é necessário um conhecimento profundo da Teoria que compõe a Ciência em questão. O estudioso precisa ser capaz de decompor um problema em suas partes, identificá-las, conhecer a natureza de cada uma, e, a partir daí, conhecer a natureza do todo. Um exemplo é a atividade do médico. Ele analisa o paciente para detetar-lhe a doença. Para isso o médico faz uso de todo seu conhecimento, teórico e prático, de análise clínica. O resultado da análise, neste caso, é chamado de diagnóstico. Obviamente, é desejável que o médico conheça também a cura. Outro exemplo é o do técnico de TV que tem sua formação em Eletrônica e é capaz de identificar o defeito de um aparelho e consertá-lo. Em qualquer área é necessária uma formação específica, ou seja, deve-se ter um conjunto coerente e determinado de conhecimentos para o exercício da atividade. O nível mais alto é o da Síntese. Atuam aí os pesquisadores e cientistas de qualquer área. A Síntese é a criação de conhecimento novo. É a reelaboração de conhecimentos atuais mais simples num novo conhecimento mais complexo que engloba os anteriores. Fica claro que a Síntese não prescinde da Análise. Ou seja, para se realizar um processo de Síntese, é preciso anteriormente ter realizado a Análise de todo o conhecimento envolvido. É preciso conhecer profundamente o assunto, identificar os pontos essenciais de conhecimentos aparentemente conflitantes e reuni-los numa nova proposição que seja uma visão mais elevada da questão.

## **5. LIMITES ENTRE OPINIÃO E CIÊNCIA.**

Cabe ressaltar que a Ciência e a Filosofia são os esforços do homem para adquirir conhecimentos. Ciência significa justamente "aquilo de que se está ciente", ou "aquilo que se sabe", e Filosofia significa "amor ao Saber". Este esforço não tem uma fórmula exata a ser seguida, embora haja metodologias científicas. As tentativas e erros são constantes, os equívocos são inevitáveis, as influências de opiniões e crenças estão constantemente presentes nos trabalhos científicos. É famosa a frase de Einstein em resposta a Teoria da Incerteza proposta por Niels Bohr: "Deus não joga dados". Na falta de argumentação científica, Einstein recorreu a sua crença pessoal. Por isso, é preciso reafirmar que, embora haja uma distinção clara entre um conhecimento e uma opinião, nenhum conhecimento é definitivo e inquestionável. Está sempre sob avaliação e sujeito a reformulação à medida que a Ciência vai se desenvolvendo. Por isso, algo que já foi um fato científico em época passada, hoje pode ser considerado como uma opinião do cientista que o propôs. Obviamente, isto não invalida a distinção entre Opinião e Ciência.

## **6. CONCEITO DE CRÍTICA.**

O enunciado do conceito de Crítica deve ser feito de forma clara: - A Crítica de Arte é a Ciência que se ocupa do estudo da Arte. O objetivo da Crítica é estudar, entender a Arte, classificá-la, desvendar seus mecanismos, definir conceitos relacionados, criar métodos adequados de estudo, enfim, construir uma Teoria da Arte de forma abrangente. Como em toda Ciência, o desenvolvimento da Crítica é um processo Dialético com a edificação de Teses, a descoberta de Antíteses, e o esforço contínuo de harmonizar conhecimentos conflitantes numa Síntese. E o Crítico, que é o cientista que se dedica ao estudo da Arte, deve, como todo cientista, se impor um comportamento científico. Ou seja, deve realizar seu estudo de forma objetiva, imparcial, impessoal, rigorosa, sistemática, fundamentando seus achados, explicitando suas referências, suas fontes de consulta, etc, tendo como fim a obtenção de um Saber que é coletivo, se originou no Saber atual e será base para o Saber futuro.

Dentro das Artes, há uma modalidade literária, a Crônica, caracterizada por fazer o registro dos acontecimentos atuais (cronos significa tempo). No entanto, não se trata do registro imparcial, objetivo, dos fatos, e sim da visão pessoal do cronista, de seu sentimento do mundo, daí a Crônica estar classificada como gênero literário, um texto de Ficção. Assim, todo texto onde predominar a subjetividade, o modo pessoal de tratar fatos e acontecimentos atuais, onde não haja preocupação em fundamentar as idéias, pode ser classificado como Crônica. No entanto, é preferível o uso do termo Texto de Opinião, que é mais geral, ao invés de Crônica, por este estar muito associado a um gênero literário bem específico. Resumindo, Texto de Opinião é todo texto em que o autor expressa sua visão pessoal, subjetiva, a respeito de um fato ou acontecimento, ou, mais especificamente, sobre um trabalho artístico, sem fazer uso de uma fundamentação rigorosa das idéias expostas, sem baseá-las numa Teoria aceita pelos estudiosos do assunto.

Até o momento, referiu-se à Crítica como Ciência. No entanto, quando se fala 'crítica', pensa-se logo num texto escrito, publicado em jornal ou revista. A Crítica como Ciência é o resultado total dos estudos e pesquisas de tantos quantos se ocupem do tema. Normalmente o resultado de um estudo deve ser redigido em forma de texto para fins de registro e divulgação. O texto escrito ainda é a forma mais simples e eficiente de se registrar e divulgar uma pesquisa. Na Ciência da Crítica, o texto resultante do estudo também é chamado crítica. O termo 'crítica' possui outras conotações, como a que significa 'censurar, falar mal', mas estas não interessam neste texto.

## **7. LIMITE ENTRE CRÍTICA E TEXTO DE OPINIÃO.**

Há sem dúvida certa dose de arbitrariedade na classificação de um texto em Crítica ou Texto de Opinião, Não-Ficção ou Ficção, como parece haver em qualquer tipo de taxionomia. Pode um mamífero ter bico e botar ovo? No entanto, o ornitorrinco é classificado como mamífero. Não se deve exigir da classificação uma exatidão rigorosa, pois, no limite, se chegaria ao absurdo de ter que definir uma classe para cada elemento do universo. A divisão em classes é de grande utilidade para o entendimento das características gerais de um certo grupo de elementos, ainda que as fronteiras entre as

diversas classes sejam quase sempre difusas, nebulosas. Para os elementos que habitam as fronteiras, arbitre-se uma classe. Esta é uma atitude visando apenas a evitar discussões estéreis sobre se um elemento deve ou não ser colocado nesta ou naquela classe quando suas características deixam margem à dúvida. Neste texto foram usadas as expressões "predomínio da Opinião" e "predomínio da Ciência" quando se referiu às fases do desenvolvimento do pensamento humano durante a História. O mesmo pode-se dizer em relação a um texto qualquer. Quando um texto é classificado na categoria Crítica, entenda-se que nele houve predomínio do procedimento científico, assim como houve predomínio da opinião no texto classificado como Texto de Opinião. Mas aqui impõe-se uma questão. Se um autor decide trilhar o limite entre a Opinião e a Crítica ao produzir seu texto, é indiferente classificá-lo nesta ou naquela classe? Como foi dito, para a Arte não há limite, portanto se um autor quiser dar forte embasamento científico para sua ficção, nada há a impedi-lo. Pelo contrário, é próprio do artista querer ultrapassar fronteiras. O cientista em geral e o crítico em específico, por outro lado, não tem esta prerrogativa. Deve, sim, fazer todo o esforço para manter sua produção a mais afastada possível da fronteira com a Opinião, ou seja, deve impor-se um comportamento científico de modo que em seu texto haja o predomínio da Ciência. Uma das dificuldades de se entender Platão está no fato de seus Diálogos serem uma mistura de filosofia e poesia; fica difícil dizer através de qual personagem do diálogo o autor está expressando seu saber, quando está ironizando e quando está falando sério, se está sendo literal ou metafórico. A Crítica deve, portanto, em seu próprio benefício, adotar atitudes estritas que lhe garantam clareza, objetividade, que a levem a seu fim último: desenvolver e difundir o conhecimento sobre a Arte.

## **8. A CRÍTICA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS NA IMPRENSA**

Como último tópico, serão enfocados os textos sobre História em Quadrinhos que saem na imprensa e que são conhecidos pelo nome geral "crítica". Uma parcela não desprezível dos textos publicados em jornais e revistas e que se auto-identificam como "crítica", de fato não se encaixam nesta classificação. Não apresentam as características, já mencionadas, que a Crítica deve ter. São textos pessoais, subjetivos, opinativos; são, portanto, Texto de Opinião. Normalmente, a idéia que se tem é que uma "crítica" deve

conter um julgamento, um juízo de valor, uma sentença final sobre o objeto criticado. A Crítica, de fato, admite o julgamento, desde que fundamentado, embasado, com a apresentação das provas, com a exposição clara dos passos e argumentos usados para se chegar a determinada conclusão. Curiosamente, o senso comum não considera "crítica" quando um texto se limita a apresentar os fatos, as informações, de forma impessoal. Como já discutido, um texto assim é de fato Crítica, no nível do Registro. Outro equívoco bastante comum é a referência a uma "crítica construtiva" ou "crítica destrutiva". Essas expressões são equivocadas. É como alguém dizer que os zoólogos que recentemente descobriram parentescos entre os urubus e as cegonhas e garças estejam querendo denegrir as famílias dessas últimas. A Crítica busca a Verdade. O crítico cujo comportamento não se baseia em procedimentos científicos e se dispõe a fazer ataques ou elogios injustificados a obras ou pessoas não é um cientista, portanto não é crítico. Outra questão importante e que é uma causa da baixa qualidade dos textos "críticos" publicados é a questão da formação do crítico. E é uma questão difícil. É fácil formar um médico, um advogado ou um engenheiro, existem escolas com esta finalidade. Mas formar um crítico é mais complicado, pode-se aproveitar pessoas formadas em Filosofia de Letras para fazerem crítica literária, ou formadas em Comunicações para crítica de TV e cinema, mas será sempre uma solução paliativa. E a Crítica padece do mesmo mal de qualquer Ciência ainda pouco desenvolvida, como a Sociologia, a Psicologia ou mesmo a Economia: todo tipo de leigo se julga capaz de dar palpites. E assim um jornal pode promover a "crítico" de História em Quadrinhos alguém cujo currículo seja ter lido alguns milhares de gibis durante a vida. Como se ter visitado os maiores zoológicos do mundo habilitasse alguém a ser zoólogo. Há, sem dúvida, necessidade de formação teórica consistente para o exercício da Crítica. Outro problema sério na imprensa é a exigüidade do tempo para a redação da "crítica". Por isso, o tipo de crítica mais adequado à publicação na imprensa é a no nível Registro. É possível também a publicação regular de crítica no nível Análise se o crítico tiver boa formação, experiência e condições satisfatórias de trabalho. Eventualmente a imprensa pode publicar trabalhos críticos de colaboradores especiais que tenham se desenvolvido no nível Síntese. Obviamente, nada impede um jornal ou revista de publicar Textos de Opinião. Seria desejável apenas que não os chamasse de Crítica.

## **9. CONCLUSÃO.**

O objetivo deste texto foi apresentar conceitos diversos que permitissem uma discussão ampla sobre o que é Crítica de Arte e quais suas características. Estes conceitos e classificações apresentados são justamente uma tentativa de sistematizar uma parcela de informações que possa ser posteriormente lida, entendida, questionada, reelaborada, reinterpretada, enfim, que possa participar do contínuo processo que é justamente a construção de uma Ciência da Crítica.

## **BIBLIOGRAFIA.**

- ALBUS, James S. - Brains, Behavior and Robotics - Byte Publications - Peterborough - 1981.
- DURANT, Will - A História da Filosofia - Nova Cultural - São Paulo - 1996.
- LORENZ, Konrad - Os Fundamentos da Etologia - Editora Unesp - São Paulo - 1993.
- MARTINS, Roberto de Andrade - O Universo, Teorias sobre sua Origem e Evolução - Editora Moderna - São Paulo - 1994.
- MARTINS, Wilson - A Crítica Literária no Brasil - Francisco Alves - Rio de Janeiro - 1983.
- VALVERDE, José María - História do Pensamento - Nova Cultural - São Paulo - 1987.
- VERDASCA, José - A Língua de Camões - Ibrasa - São Paulo - 1995.